

Corpo, monumento inconsciente

Carlos Caires*

“Erixímaco nos diz, tradução textual, que a medicina é a ciência das eróticas do corpo — *episteme ton tou somatos erotikon*. Parece-me que não se pode dar uma melhor definição da psicanálise”. Jacques Lacan: Sem. Transferência, Livro 08 – Lição V, Harmonia Médica.

Por ocasião de se confirmar minha vinda nesta data, para fazer mais esta palestra, esta conversa com os senhores e senhoras. Reafirmo uma vez mais, o que sempre penso e digo, honra-me muito: vir ao Campo Lacaniano. O desejo que aqui me traz de volta, veicula-me no presente às boas lembranças de satisfação das outras vezes passadas e, isto já se faz série mnemônica.

Desta vez, foi-me proposto sugerir um título para epigrafe ao tema sobre o corpo, que será aqui desenvolvido. Naquele instante, veio-me à mente, ocorreu-me uma vez mais, recordar-me o recorrente estudo que sempre faço do inconsciente, como sói ocorrer a um psicanalista qualquer.

Recordou-me trazido de volta pela minha memória — não digo que seja corporal e sim, faz do corpo um monumento — um trecho de um texto de Jacques Lacan, que talvez entre nós, tenha sido um dos “**Escritos**”, o mais lido e comentado: “**Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**”. Texto inaugural na sua obra e se tornou um dos mais célebres, pela proposta revolucionária a época, contida na legenda, que trazia ao sentido do retorno à obra de Freud e, prevalecendo-se o discurso analítico. Um discurso inédito, proferido pela primeira vez na **Universitá di Roma**, em 26 e 27/09/53. Foi por esta estréia que passou a ser mais conhecido como o “**Discurso de Roma**”. Transcrito em “Outros Escritos”, pg. 133. JZE.

Por toda importância que lho dou, ao evocá-lo cometi na citação de uma especial passagem, um deslize verbal, um *lapsus linguae*, como dizemos nós. Ao citar o termo continente, em vez de lhe haver dito a palavra monumento, que é muito mais específica ao que se quer dizer e precisamente aplicada. Também histórica, pois o termo monumento data de uma época heróica do movimento psicanalítico e consta da remanescente obra freudiana na descrição do sintoma na histeria. Ao pressentir o equívoco no lapso pela troca das palavras, busquei inferi-la corretamente ao texto epigrafado no “site”.

Sei-o quão é importante para a ética da psicanálise: saber bem-dizer a palavra e neste particular em referência ao corpo, que é considerado por ela a materialidade do ser. Entenda aqui que o ser é — não todo, existe por sua falha, no desejo — pela invocação de sua *falta-a-ser* é que um sujeito falante passa a existência ao corporificar-se. Reificar o corpo pelas graças das renitentes demanda do Outro, chamando-o para si ao campo da linguagem (\$^AD).

Antes, devo resituar no texto a referência supracitada por mim e a seguir irei lhe conferir *ipsis litteris* o que ali contém do inconsciente, no corpo ao nível de um discurso articulado por Lacan, formulando-o como ele próprio o faz: Escritos, fls 260, nos seguintes termos:

— **“O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas, a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar. Qual seja:**

— **nos monumentos: e esse é meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose em que o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode ser destruída sem perda grave”.**

Monumento é uma obra de arte construída com a finalidade de se firmar por ela a perpetuação memorialística dos acontecimentos relevantes que marcaram e por isso vão fixar esta verdade histórica e heroicizada através da presença significativa daqueles fatos emblemáticos, perpetuando-os no tempo e sobre os quais se podem retornar de vez em quando para ritualizar a dor ou o prazer de suas lembranças memoráveis.

Uma edificação projetada e eminentemente fundada na dimensão simbólica que se permite pela linguagem e que se pode remeter ao que se quer lembrar na memória, para a qual os sentidos do corpo registram as marcas deixadas pelas patas da presença do Outro.

Sigmund Freud desde suas primeiras abordagens, ainda atuava como médico - clínico, examinava e tocava diretamente o corpo das pacientes. Ou seja, correlacionava ao toque no corpo o despertar da lembrança daquilo que se deveria recordar para a “*talking cure*” do sintoma histérico. Em a “Etiologia ‘Específica’ da Histeria”. Ao se referir à notável assertiva na frase de seu colega Joseph Breuer: “as histéricas padecem, sobretudo de suas reminiscências”. Fez a

observação se não verdadeira, assaz importante, ao sugerir que as recordações históricas advinham por um saber registrado na memória do corpo e não da alma, como queria a filosofia.

Ao reler estas passagens e rever esta substituição da palavra reminiscência por rememoração, pude compreender que este verbo rememorar veio em razão da própria prática analítica. Pois, ao inferir pela fala o acesso ao sintoma analítico da histeria, encontrava suas ressonâncias nas marcas incrustadas nas zonas delimitadas e facilitadas do corpo por onde ele norteava o discurso no sentido do rememorável.

Ou seja, transmutando-se em palavras os fatos traumáticos, retidos na memória pela conversão histórica, que retinha fatos que tais por sua natureza sexual e por isso mesmo, é que eles encontram-se recalçados. Livro III – Obras Completas, fls 192. Nota de pé de página. A rememoração é a retrospectiva trazida pelo o retorno do recalçado, que repete acercando-se do trauma psíquico.

Frisa Freud que é pela nuance sexual destes fatos, que faz com que o lugar de sua inscrição como sintoma histórico seja recalçado. O pensamento inconciliável extraído do fato traumático tornou-se irreconciliável com o correlato afeto, que é transportado e descarregado no corpo. O que do psíquico salta se inscreve e se incrusta no corpo é o que faz dele o próprio monumento do inconsciente e serve para o neurótico vir ritualizar em ato suas sofridas lamentações e o experimento do gozo.

A substituição do termo reminiscência por rememoração foi um feito, que além de remeter a dimensão da memória como caráter da verdade histórica do sujeito. Digo isso apoiado em Lacan em seu Sem. “O Sinthoma”: no capítulo: “Do inconsciente ao real”. **“A rememoração é evidentemente alguma coisa que Freud obteve forçosamente graças ao termo impressão”**. Comenta a seguir, que isto lhe conferiu serem letras (v. carta 52. Freud – L I), que figurou em redes e o incitou (Lacan) a lhe dar nova forma, fazendo disso uma cadeia. Ou seja, a cadeia significante: S₁ — S₂. Esta deu o suporte e a consistência lógica ao saber do inconsciente sobre o real do corpo.

Nesta passagem vou inserir mais um importante comentário de Lacan sobre o pensamento e o corpo. Diz na conferencia em Genebra – “O Sintoma” de 1975. —: **“...Penso que o pensamento é no final das contas um *enviscamento*. (...) Um *enviscamento* em algo que especifiquei de imaginário...Se o homem –**

dizê-lo assim parece uma banalidade – não tivesse o que se chama um corpo, não vou dizer que não pensaria, pois isto é óbvio, senão que não estaria profundamente capturado pela imagem deste corpo.

O homem está capturado pela imagem de seu corpo. Este ponto explica muitas coisas e em primeiro lugar o privilegio que tem a dita imagem para ele. Seu mundo, se esta palavra tivesse algum sentido, seu *Umwelt*, o que o rodeia, ele o *corpo-reifica*, faz a coisa à imagem do seu corpo. Não tem a menor idéia, certamente do que sucede neste corpo. Como sobrevive um corpo?...”

Segue ainda com o comentário que todo o peso do corpo advém pela via do olhar e que até mesmo os rabiscos das letras que fazemos estão no sentido de recuperar algo do corpo, como a lagartixa recupera sua cauda perdida. Para nos aproximar deste comentário, vou retomar outra citação deixada mais atrás, ainda sobre o “Discurso de Roma”, fls 302 dos **Escritos**. Leiam comigo o que ali está dito: **“A fala, com efeito, é um dom de linguagem, e a linguagem não é imaterial. É um corpo sutil, mas é corpo. As palavras são tiradas de todas as imagens corporais que cativam o sujeito; podem engravidar a histórica, identificar-se com o objeto do Penis-neid, representar a torrente de urina da ambição uretral ou o excremento retido do gozo avarento”**.

Neste nível, comenta mais ainda, a lesão simbólica da palavra *W/espe* castrada do seu **W** para se transformar em **SP**, iniciais do nome do paciente chamado pelo epíteto Homem dos Lobos. Enfim, que o próprio discurso, pode-se tornar objeto de uma erotização.

A pregnância com que era dada a presença do corpo durante as sessões de análises, durante aquele período primeiro da descoberta da psicanálise, as técnicas aplicadas ao corpo para produzir associações dos pacientes, foram deixadas para a história. A evidência da transferência e a possibilidade que tem o psicanalista de manobrar por ela a direção da análise rumo a realidade sexual do inconsciente, permite que interpretação articule e toque o desejo de tal forma, que faz dele o real pivô da rememoração ao sentido do que se quer revelar pelo discurso analítico.

Portanto, o corpo continua participando ativamente das sessões analíticas pela fala a ele articulada. Pois, o corpo fala através da cadeia significante que o

atravessa no curso de uma análise e o encarna, habitando-o enquanto um corpo pulsátil, melhor dizendo vibrante, que o faz ressoar. Além dos caracteres primários e secundários que marcam o corpo, a voz e o olhar, assim como a matéria fônica da fala são produzidos pelos seus movimentos. Logo, imiscui-se nesta práxis o corpo e alma. Esta advirá ao corpo por sua paixão em ser.

Gostaria de frisar nesta apresentação sobre o tema do **“inconsciente e o corpo do ser falante”**, aqui proposto, a perspectiva de se re-introduzir a questão do saber sobre o gozo do corpo. Mas, existe um importante não-saber sobre o corpo, que o inconsciente não aborda, de vez e por isso mesmo queremos distância destes movimentos do organismo, qualquer que seja a sua manifestação: prazer e, pior ainda, se for a dor e há sempre uma sensação estranha para com este corpo desconectado do inconsciente, este gozo do corpo, fora linguagem.

Em o Seminário XX Lacan: “Outra satisfação”, isto é uma experiência, que ele diz, que é o gozo, que se realiza ao nível do inconsciente e que se articula a linguagem. Refazendo a funcionalidade do aparelho psíquico freudiano, entre o princípio do prazer e de realidade, diz: **“A realidade é abordada com o aparelho do gozo (...) aparelho não há outro, senão a linguagem”** O que é o gozo? No sentido em que o corpo se experimenta nos diz Lacan em **“O lugar da psicanálise na medicina”** 1966 – Opção lacaniana, 32. O gozo **“É sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto. Há gozo no nível da dor, que pode experimentar todo o organismo, que de outra forma fica velada”**.

Nos dois sentidos do saber e do gozo, o corpo perde sua condição natural e por isso, faço-lhes uma inserção lacaniana, antes de prosseguir adiante: se o inconsciente é a condição da linguagem e de um saber em prol da vida. O corpo é a condição para o acontecimento do gozo, do não querer saber em prol do instinto de morte.

Será necessário retomar uma disjunção importante entre o corpo da linguagem, erótico e simbólico e o corpo do gozo, orgânico e real. O viés da simbolização é o modo pelo qual o corpo real vem se revestir de uma forma, tomar forma (ô) ganhar a dignidade de uma representação e uma modelagem de corpo humano. Ou, melhor dizendo é pela intervenção do simbólico revestindo o corpo orgânico, real (a) com uma imagem corporal (i<a>).

Vou exemplificar com um caso clínico de Freud já apresentado aqui: Elizabeth Von R e que poderá nos ajudar compreender esta disjunção ao inferir pelo seu sintoma, uma explicação de como se originou e se organizou. Observa Freud que há primeiro um impasse na ordem simbólica, ao não conseguir dá um passo, uma ordem significante que impede a paciente de dar um passo à frente. Andar e falar possui uma sinonímia íntima, a perna que serve ao ato natural para fazer o corpo real andar deambular, ficou paralisada ao ser invadida e subvertida por uma representação — estar só e pela virtude da vergonha de não dá um mau-passo —. Isto, ao nível da fala (como vai?) do significante, que não vai e nem deixa andar.

Toda ação é decorrente do grande Outro, que se espera o tesouro de significantes, mas que o significante pode faltar e não assegurar a intervenção simbólica no real do corpo, especificando-o bem para cada uma das suas funções de organismo capaz de atuar na realidade. Este significante que falta ao Outro, que, deixa-o inconsistente é o Phallus simbólico que no melhor dos casos está recalçado, separado por uma barra que o jogo da metáfora auspiciam que venha a ser o próprio significante do gozo proibido àquele que fala. Por isso, Lacan comenta que para o neurótico histérico, fóbico e obsessivo. Quando o supereu ordena: goze! Respondem ouço! O perverso é ele mesmo faz sua versão. O psicótico na impossibilidade de vir a ser este falo que falta a mãe (o Outro), resta-lhe o empuxo à feminilidade e ao gozo do corpo.

O processo lógico das fórmulas quânticas da sexuação iniciada com a leitura da metáfora paterna nos permite inferir na ordem do discurso do inconsciente, este arranjo para operacionalizar na clínica o desejo e a lei que organiza o funcionamento psíquico e regulamento a ação do corpo à partir do Outro que foi quadripartido neste esquema: o S_1 : Significante mestre (Lacan, o escreve *m'être*). S_2 : o Outro. $\$$ o sujeito dividido entre os dois significantes acima. Por fim, o objeto \underline{a} . Assim como se pode escrever o real do gozo, o mais de gozar produto desta operação.

O corpo para que tenha existência, o ser falante é necessário que venha a ser e ocupar o lugar do equivalente simbólico: “*penis neid*” ao filho. Nesta metáfora será assim iniciada, para o que está como a incógnita (\mathbf{x}), na questão do desejo da mãe (DM) e se esta veicula o desejo à demanda e se este passa da

criança ao pai. Teremos por um efeito de significação o surgimento do significante Nome do Pai vindo ao simbólico autenticar o Phallus como o significante que comanda a Lei e legisla à partir do ponto de basta, para interditar o desejo sem lei que resta como um gozo. Por este êxito da metáfora, o falo simbólico se manterá velado, interdito neste lugar do Outro.

Esta identificação do sujeito em querer ser o falo é a função do nó que nos fala Lacan que está na estruturação dos sintomas na neurose, psicose e perversão. Torna-se o momento fecundo porque passa o recalque, a forclusão e a denegação. Estar nesta identificação de maneira inconformada, insatisfeita com este falo frágil é próprio da histeria. Na impossibilidade de vir a ser este falo é que provoca no simbólico a forclusão do Nome do Pai, o desastre imaginário e o retorno no real na metáfora delirante.

A marca que o falo deixa na memória do corpo se universaliza na castração, para todo ser falante a função de falo de X. Mas toda regra traz na exceção a sua afirmação e se diz que há ao menos um, que não se subordina a lei da castração, que só pode haver gozo pelo significante. Para todas as mulheres é negada esta função e, não há ao menos uma que possa negá-lo!

Salvador 1º de abril de 2009.

Antônio Carlos Caires Araújo.